

Nunca é muito tarde para a razão: notas sobre solidariedade em Hans-Georg Gadamer

Raimundo Rajobac*

Resumo

O tema da solidariedade tal como é pensado por Gadamer merece uma atenção especial, justamente pelo fato do mesmo nos ajudar a pensarmos as relações humanas de forma a superar estruturas monológicas e posições de supremacia, características da modernidade. A produtividade do conceito gadameriano de solidariedade justifica-se, pelo fato de o mesmo, se encontrar profundamente entranhado na malha (tradição) da vida social e oferecer uma esperança realista para a expansão das formas de mutualidade e do comum, nas quais a solidariedade em si depende. Experimentar uma nova solidariedade significa, portanto, criar novas saídas, explorar novos recursos e recursos já existentes que ajude a humanidade a salvar a si mesma.

Palavras-chave: Hermenêutica. Solidariedade. Práxis Social.

Abstract

The theme of solidarity such as is thought by Gadamer deserves special attention, precisely because of that help us think about human relationships in order to overcome monological structures and positions of supremacy, characteristics of modernity. The productivity of Gadamer's concept of solidarity is justified by the fact that even if you find deeply ingrained in the fabric (tradition) of social life and offer a realistic hope for the expansion of forms of mutuality and common, in which solidarity itself depends. Try a new solidarity means, therefore, create new outlets, to explore new resources and existing resources that will help humanity save itself.

Key words: Hermeneutics. Solidarity. Social Praxis.



* **RAIMUNDO RAJOBAC** é Professor efetivo no Departamento de Música da UFRGS, Mestre em Educação pela UPF e Doutorando em Educação pela PUCRS.

1. Sobre a esperança hermenêutica

Gadamer constrói seu sistema hermenêutico-filosófico com uma forte base na filosofia existencialista heideggeriana: “sua filosofia se chama hermenêutica, porque entende a existência como interpretação”.

(VATTIMO, 2002, p. 02). O conceito de linguagem cunhado pelo hermenêuta fez frente às críticas ao modelo lógico-semântico de linguagem, ao positivismo e conseqüentemente ao método das ciências da natureza; tomando como base a ideia de que a “experiência não encontra o mundo refletindo-o neutralmente, mas lendo-o (isto é interpretando-o) à luz das esperanças, projetos, medos e necessidades”. (VATTIMO, 2002, p. 02). O conceito de solidariedade em Gadamer está intimamente ligado a sua concepção de linguagem, o qual nos ajuda a questionar dificuldades para o que diz respeito ao diálogo característicos da sociedade contemporânea. Gadamer procura superar com sua filosofia da linguagem a interpretação e entendimento feitos pela tradição ocidental, de que nosso modo de ser, conhecer e relacionar pauta-se num conceito estático de razão. O autor sugere em *Verdade e método* que, o que procedeu da parte dos modernos, foi uma tradução precipitada do ideal aristotélico de homem como animal que possui o *logos*, por homem como animal racional: segundo Gadamer, em Aristóteles *logos* significa mais linguagem do que propriamente razão. Tal diagnóstico embora pareça simplório, é fundamental para compreendermos as pretensões do hermenêuta ao desenvolver seu projeto



Hans-Georg Gadamer

de uma filosofia hermenêutica. Linguagem em Gadamer só é possível no diálogo, o qual nos permite ir ao encontro de nossa própria humanidade, e seu conceito de solidariedade encontra-se intimamente ligado a essa perspectiva.

Contudo, para investigarmos o conceito de solidariedade em Gadamer temos de levar em conta o sentimento de esperança que o teórico nutre em relação aos problemas que o homem moderno sofre, os quais apontam objetivamente para resultados catastróficos que comprometem nosso modo de vida. O que é resumido pelo hermenêuta numa entrevista à agência alemã DPA: “Quer saber uma coisa? O que eu penso não é tão importante. A única frase que quero defender sem nenhuma restrição é que os seres humanos não podem viver sem esperança”. (apud VATTIMO, 2002, p. 01).

2. Diagnóstico gadameriano sobre o planejamento do futuro

Data de 1965, um dos ensaios de Gadamer que compõe o segundo volume da obra *Verdade e Método*. O ensaio intitula-se: *Sobre o Planejamento do Futuro*. Serviremo-nos das reflexões apresentadas pelo teórico nesse ensaio para num momento seguinte destacarmos a necessidade de uma práxis solidária na perspectiva hermenêutica. Gadamer está convencido de que, bem mais do que o significativo progresso pelo qual tem passado as ciências da natureza, “foi a racionalização de seu emprego técnico-científico, que produziu essa nova fase da revolução industrial em que nos

encontramos”. (2004, p. 182-183). Dessa forma, o que passa a ser característica marcante de nossa época, mais do que o exagerado domínio da natureza, é o “desenvolvimento de métodos científicos de controle para a vida da sociedade”. (GADAMER, 2004, p. 183). Tal característica constitui-se num momento vitorioso da ciência moderna, o qual resulta de um processo iniciado no século XIX, e agora se apresenta como fator social predominante. Acontece em nossa época, portanto, um apoderamento de todos os âmbitos da práxis social, por parte do pensamento científico: a “investigação científica do mercado, a condução científica da guerra, a ciência da política externa, o controle científico da natalidade, a ciência para a condução da vida humana, conferem ao especialista em economia e sociedade um lugar central”. (GADAMER, 2004, p. 183).

Gadamer chama atenção para a questão da ordem mundial. Para o autor, nossa época não pode mais crer na ideia de uma ordem instituída, mas na possibilidade de planejamento e criação de uma ordem não instituída, ou seja, para além da estaticidade e representação racional de ordem. Nesse sentido, o filósofo apresenta questionamentos fundamentais:

Será possível pensar a ideia de uma ordem política determinada que não suscite idéias contrárias? Será possível pensar ideias políticas de ordem que favoreçam a uma ou outra das potências políticas existentes, de tal modo que seu favorecimento implique o desfavorecimento das outras? Será que se deve dizer que a existência desses antagonísticos interesses de poder constitui uma desordem? Não serão eles a própria essência da ordem política? (2004, p. 185).

A passagem acima merece um comentário. Ela nos ajuda a perceber em que direção vai a crítica gadameriana e que discussão o hermenêuta quer despertar. No ensaio, anteriormente à essa passagem, Gadamer diz: “Sabemos que, mesmo sendo desejo de todos, não existe uma ordem mundial entre os povos”. (2004, p. 183). O autor procura alertar para a pretensão de ordem mundial impulsionado pelos ideais dominadores da razão científica. Nesse sentido o alerta de Gadamer nos ajuda no entendimento de que estamos ainda muito distantes de ter alcançado uma consciência comum – no sentido de que o que está em jogo é o destino de todos sobre esta terra em que ninguém pode sobreviver à semelhança do que acontece com a insensata utilização de armas de destruição atômica – já que a humanidade, ao longo, de, talvez, muitas e muitas crises e muitas experiências dolorosas não consegue encontrar – por necessidade – uma nova solidariedade. Ninguém sabe quanto tempo ainda nos resta. Porém, quem sabe, é saudável recordar o princípio: nunca é muito tarde para a razão. (1983, p. 55). Assim, é necessário um olhar para o que é comumente visto e vivenciado entre nós: a realidade na qual não há ordem ou postura pretendida que não sugira contrariedades. Fechar os olhos a tal realidade é o que motiva ideais políticos a favorecerem determinadas potências. A diversidade do modo de ser humano é o que determinada nossa essência como pessoas. Contrariedade e pontos de vistas diversos são marcas permanentes de nossas visões de mundo e pretensões de organizações. A preocupação de Gadamer vai em direção da natureza inacordável dos divergentes interesses em relação a uma ordem político-econômica, a qual não pode ser tomada como algo negativo. Como sugere o próprio autor, a consciência da

desordem talvez seja o ponto de partida para os planejamentos futuros. Dessa forma, deve-se entender que interesses antagônicos, e desordens político-econômicas, são próprios da nossa condição humana, assim, ao invés de orientar à supremacia, deveria suscitar o diálogo e entendimento mútuo. Precisamos, portanto, operar com a pretensão de superação da ideia de que “determinadas por tantos pontos de vista diversos, parece impossível que determinada idéia política de ordem consiga alcançar unanimidade geral”. (GADAMER, 2004, p. 186). O que parece impossível de realização segundo Gadamer, é a pretensão racionalizada de pensar a totalidade da ordem mundial como puro e simples objeto de planificações racionais. Contrariamente, pensar uma ordem mundial que confira direitos a todos, deve levar em consideração, a “profunda tensão existente entre autoridade da ciência, de um lado; e as formas de vida dos povos, cunhadas pela religião, usos e costumes da tradição, de outro”.¹ (GADAMER, 2004, p. 186).

Os ideais relacionais encontram-se aprisionados ao giro cego comum ao

¹ Conforme Gadamer, conhecemos essa tensão, por exemplo, pelos contatos estabelecidos entre antigas culturas da Ásia ou forma de vida dos assim chamados países subdesenvolvidos com a civilização europeia. Todavia, essas culturas representam apenas um caso particular de uma problemática mais abrangente. Não me parece que a questão mais premente seja como se há de conciliar as civilizações europeias com tradições estrangeiras de países distantes e chegar a um equilíbrio fecundo, mas como se deve, em nosso próprio solo cultural, avaliar o significado desse processo civilizatório possibilitado pela ciência e conciliá-lo com as tradições religiosas e morais de nossa sociedade. Pois esse é na verdade o problema da ordem mundial que hoje nos ocupa. O sucesso civilizatório da ciência europeia fez com que esse problema fosse colocado em todas as partes com a mesma radicalidade. (2004, p. 186-187).

método científico. Nesse âmbito prevalecem possibilidades de controle científico das coisas. Dito de outra forma, “a tendência imanente do próprio pensamento científico é precisamente tornar supérflua e relegar a uma profunda inconsciência, a pergunta pelos fins, mediante a tendência crescente de progresso, assumida como obtenção e ‘controle’ de recursos”. (GADAMER, 2004, p. 188). Em sentido estrito, a pergunta pelo ordenamento de nosso mundo deve superar a estaticidade científica e focar o diferente. Assim, planejar o futuro significa antes de tudo, superar a monologia moderna, o que em outras palavras indica precisamente abandono da pergunta científica como fundamento para vida social.

Gadamer trata ainda do papel da técnica no mundo moderno, e alerta para sua principal característica: a de “não existir em vista de si mesma, nem por causa de um objeto a ser produzido que tivesse seu fim em si mesmo; [sendo que], o modo e a aparência do objeto a ser produzido dependem [necessariamente] do uso a que se destina”. (GADAMER, 2004, p. 189). Os procedimentos e saberes técnicos expropriam os criadores, e os resultados de seus trabalhos fogem a seu controle. Não é possível mapear o uso devido ou indevido das criações: eles terão sempre um, o qual será aquele que favorecer aos sistemas dominantes. Nessas condições, o mundo moderno, nada mais é que uma trama hierárquica dessas estruturas de meios e fins, no qual surge naturalmente a idéia de uma *tékne* superior, ou saber específico que conhece o emprego correto de todo saber específico, uma espécie de saber régio: a *tékne* política (GADAMER, 2004, p. 189-190).

Gadamer acredita que a superação das condições técnico-científicas em que se encontram a práxis social se dá pela

retomada de condições que nos determinam *a priori*. A final de contas só nestas condições se faz possível considerar experiências originalmente humanas. Em Gadamer o que determina o ser humano em sua essência é a linguagem, ela é o centro do ser humano, quando considerada no âmbito que só ela consegue preencher: o âmbito da convivência humana, do entendimento, do consenso crescente, tão indispensável à vida humana como o ar que respiramos. Lembra-nos o hermeneuta: realmente o homem é ser que possui linguagem, segundo a afirmação de Aristóteles. Assim, tudo que é humano deve poder ser dito entre nós (2004, p. 182). A linguagem compreendida para além de um sistema de signos que pode ser criado artificialmente realiza-se e efetiva-se vinculada diretamente às tradições vivas, especificamente onde se encontra a humanidade em sua historicidade: “isso garante a toda vida da linguagem uma finitude interna [...] inalienável do homem” (GADAMER, 2004, p. 200). A linguagem em Gadamer é o universo de onde tudo emana de forma dialógica e dinâmica, o terreno fértil para que se ponha em aberto o homem em sua finitude e pluralidade. Portanto, em nosso mundo globalizado, faz-se necessário o cultivo de uma consciência que ao Pensar uma práxis solidária em nossa sociedade exige de antemão que ao invés de superar as diferenças em busca de unicidade, consiga ver nas próprias diferenças de nosso mundo a saída para uma ordem respeitosa e dialógica. Como nos diz Gadamer, é preciso que nós como seres humanos, entendamos que não são apenas as diferenças de desenvolvimento econômico e tecnológico o que divide os povos e que não é apenas sua superação que irá uni-los, mas que são justamente as diferenças insuperáveis entre eles,

suas diferenças naturais e históricas, que nos ligam como seres humanos (2004, p. 201).

3. O ideal gadameriano de solidariedade

Verdade e método sugere em vários momentos noções de solidariedade. Considero ainda *A razão na época da ciência* uma obra com um potencial significativo para contribuir com as interpretações possíveis sobre a noção de solidariedade em Gadamer. Junto a isso se juntam as diversas entrevistas dadas pelo filósofo a diferentes periódicos cujo tema da solidariedade e a preocupação constante com a possibilidade de uma catástrofe planetária, são temas determinantes.² Não será objetivo nosso neste trabalho investigar a todas essas fontes sistematicamente. Conscientes de que o trabalho possui um caráter propedêutico limitamo-nos a apresentar algumas notas importantes quando se pretende refletir sobre a noção de solidariedade em Gadamer.

Em Gadamer a tradição existe a partir de acordos profundos estruturados

² Conforme Lawn, em muitas das entrevistas com Gadamer em assuntos de política, ética e do mundo dos negócios o tema da solidariedade é frequentemente discutido. Lawn sugere ainda que significativamente durante o período pós-1960, as referências à tradição, ocupando um papel importante em *Verdade e método*, parecem ter desaparecido do léxico. Isso dá lugar à sugestão de que a ideia da solidariedade se transforma numa substituição para a “tradição” inicial, ou numa maneira de amplificar e expandir sobre ela. De muitas maneiras, a sugestão de uma mudança de uma para a outra tem certa plausibilidade lógica. A tradição, como já foi definida, é o conduto através do qual fluem os elementos centrais da vida social, conectando o passado ao presente e ao futuro. Toda interpretação acontece contra o pano de fundo de uma tradição constantemente em mudança, e ainda assim a tradição em si é baseada em acordos profundos, e seria possível igualar tais com uma forma de solidariedade.

implicitamente, nesse sentido, “a linguagem e a história são sinônimos da tradição”. (LAWN, 2007, p. 140). Consequentemente, linguagem e história pressupõem formas de solidariedade. Na perspectiva hermenêutica, solidariedade perpassa a simples ideia de um acordo implícito que compõe o pano de fundo da existência, “ela é muitas vezes parte de uma agenda de aspirações políticas e éticas para o futuro”. (LAWN, 2007, p. 141). Gadamer acredita que a superação de posturas utilitaristas que ameaçam constantemente a vida humana, pode ser possível com o suscitador de uma consciência da solidariedade, o que incide na superação de um problema de “percepção que pode ser muito bem traduzido pela falta de visão [...] do outro – não só de seu par, mas de todos os outros seres vivos – falta de diálogo, [...] de noção de unicidade”. (DEMOLINER; SARLET, 2008, p. 03). O filósofo acredita encontrarmos-nos cegos no interior de uma superexcitada sequência de progresso de civilização técnica, deixando passar por despercebidos elementos estáveis e imutáveis de nossa convivência social. Assim poderia surgir com o despertar de uma consciência de solidariedade, uma humanidade que lentamente começaria a entender a si mesma, ou seja, que está reciprocamente vinculada, tanto no que diz respeito ao seu florescimento, como à sua decadência, e que tem que solucionar o problema de sua vida sobre o planeta. (GADAMER, 1983, p. 55).

O sentido hermenêutico de solidariedade surge em Gadamer com um sentido utópico de esperança. Diz o filósofo:

[...] naturalmente, tenho fé que a futura sociedade pode experimentar uma nova solidariedade: vejo certos traços do mundo latino, que, com uma assombrosa capacidade de resistência, se defende da febre industrial de ganho, uma alegria da

vida natural que encontramos nos países do sul como uma espécie de demonstração da existência de um centro mais estável de felicidade e de capacidade de satisfação do homem. (GADAMER, 1983, p. 55-56).³

Experimentar uma nova solidariedade significa, portanto, criar novas saídas, explorar novos recursos e recursos já existentes que ajude a humanidade a salvar a si mesma. A busca pelo rompimento com a monologia moderna e superação de ideais de dominação, exige atenção ao diálogo hermenêutico e ao respeito aos seres humanos: trata-se necessariamente de repensar o conceito de práxis social. Gadamer procura alertar para uma interdependência humana em sentido profundo: não existem ideais particularizados, o que existe são ideais comuns, interdependentes, responsáveis de forma comum pela forma de vida humana e pelo planeta em que vivemos. Dessa forma, para o hermeneuta, “práxis [social] é comportar-se e atuar com solidariedade. A solidariedade, entretanto, é a condição decisiva e a base de toda razão social”. (GADAMER, 1983, p. 56). Nesse contexto, a produtividade do conceito gadameriano de solidariedade justifica-se por estar “profundamente emaranhado na malha (tradição) da vida social e oferecer uma esperança mais realista para a expansão das formas de

³ Na sequência a esse trecho Gadamer nos lança alguns questionamentos pertinentes. Sua preocupação e pergunta fundamental é se nas grandes culturas estrangeiras, que agora são, pouco a pouco, recobertas tecnicamente pela civilização européia-americana, isto é a China, o Japão e Índia, sobretudo, não continuam sobrevivendo, sob o manto europeu e o “Job” americano, algo da tradição religiosa e social de sua cultura milenar que, talvez, na atual situação de necessidade possa despertar a consciência de novas solidariedades conjuntas e obrigatórias, façam falar a razão da prática. (1983, p. 56).

mutualidade e do comum, nas quais a solidariedade em si depende”. (LAWN, 2007, p. 145). O conceito hermenêutico de solidariedade⁴ cunhado por Gadamer posiciona-nos de forma crítica em relação às estruturas intelectuais, políticas, econômicas da sociedade contemporânea. Orienta-nos a relações humanas pautadas no diálogo hermenêutico, nas quais, as diferentes vozes possuem, em sua singularidade, o direito de vir à tona sem qualquer pretensão de sufocamentos ou superioridade.

Solidariedade é, portanto responsabilidade recíproca. Deve motivar os seres humanos a olharem suas condições materiais (historicidade, tradição, corporeidade, ecossistema, terra, universo), e suas condições imateriais (o “eu”, ou “outro”, a razão, os conceitos, o conhecimento), e entenderem-se como responsáveis uns pelos outros e todos pela Terra. Como diz Gadamer: “há uma frase de Heráclito, o filósofo ‘que chora’: o logos é comum a todos, porém os homens se comportam como se cada um tivesse o seu” (1983, p. 56). A razão como linguagem viva pertence a todos, e só a

consciência da interdependência humana no seio da linguagem pode nos direcionar à superação das condições de dominação, comuns à sociedade contemporânea. Atuar com solidariedade é, pois, saber das insuperáveis diferenças que possuímos como povos, culturas e pessoas, e rumar em busca de um cuidado mútuo e solidário constante.

Referências

- ALMEIDA, J. C. Antropologia da Solidariedade. *Notandum*, Univ. do Porto, n. 14, p. 67-71, 2007.
- FLICKINGER, H.-G. O Fundamento Ético da Hermenêutica Contemporânea. *Veritas*. Porto Alegre. n. 2, p. 169-179, jun., 2003.
- GADAMER, H.-G. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *Verdade e Método: Complemento e índices*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *A Razão na época da Ciência*. Trad. Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- VATTIMO, G. Gadamer: verdade versus método: à ditadura da técnica opôs o valor do diálogo social. *IHU Online*, n. 9. 2002.
- WESTPHAL, V. H. Diferentes matizes da idéia de solidariedade. *Revista Katályses*, UFSC, v. 11, n. 1, p. 43-52, 2008.

⁴ Segundo Almeida, do ponto de vista da nomenclatura a expressão “solidariedade” certamente foi popularizada, a partir da década de oitenta, pelo Sindicato Solidariedade (*Solidarnosc*) da Polônia. Não podemos esquecer que, no mesmo período, em 1978, um polonês, Karol Wojtyła, foi eleito para a Igreja Católica, assumindo o nome de João Paulo II. Uma de suas primeiras encíclicas é justamente “Solicitude Rei Socialis”. Ali a doutrina social da Igreja Católica é nitidamente construída a partir do conceito de solidariedade que é definido como a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos. Seguindo essa linha poderíamos definir a solidariedade como determinação pessoal de responsabilidade mútua. (2007, p. 68).